



POR ELAS QUE FAZEM A MÚSICA

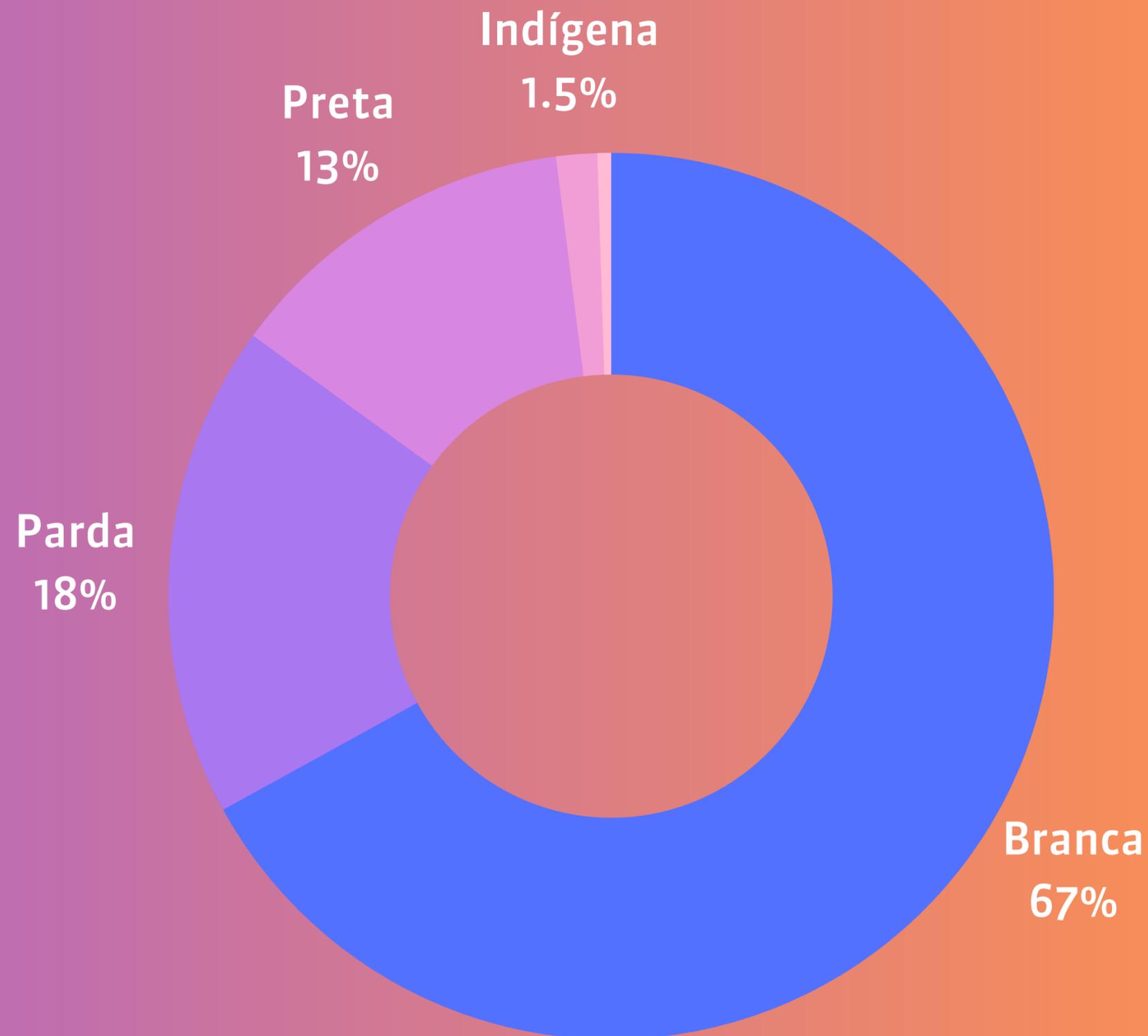
RELATÓRIO 2023

**Levantamento digital
Assédio e discriminação**

Entre os dias 16 e 29 de março, 256 mulheres responderam ao levantamento, disponibilizado nas nossas redes através de um formulário digital.

Agora, quem foram elas?

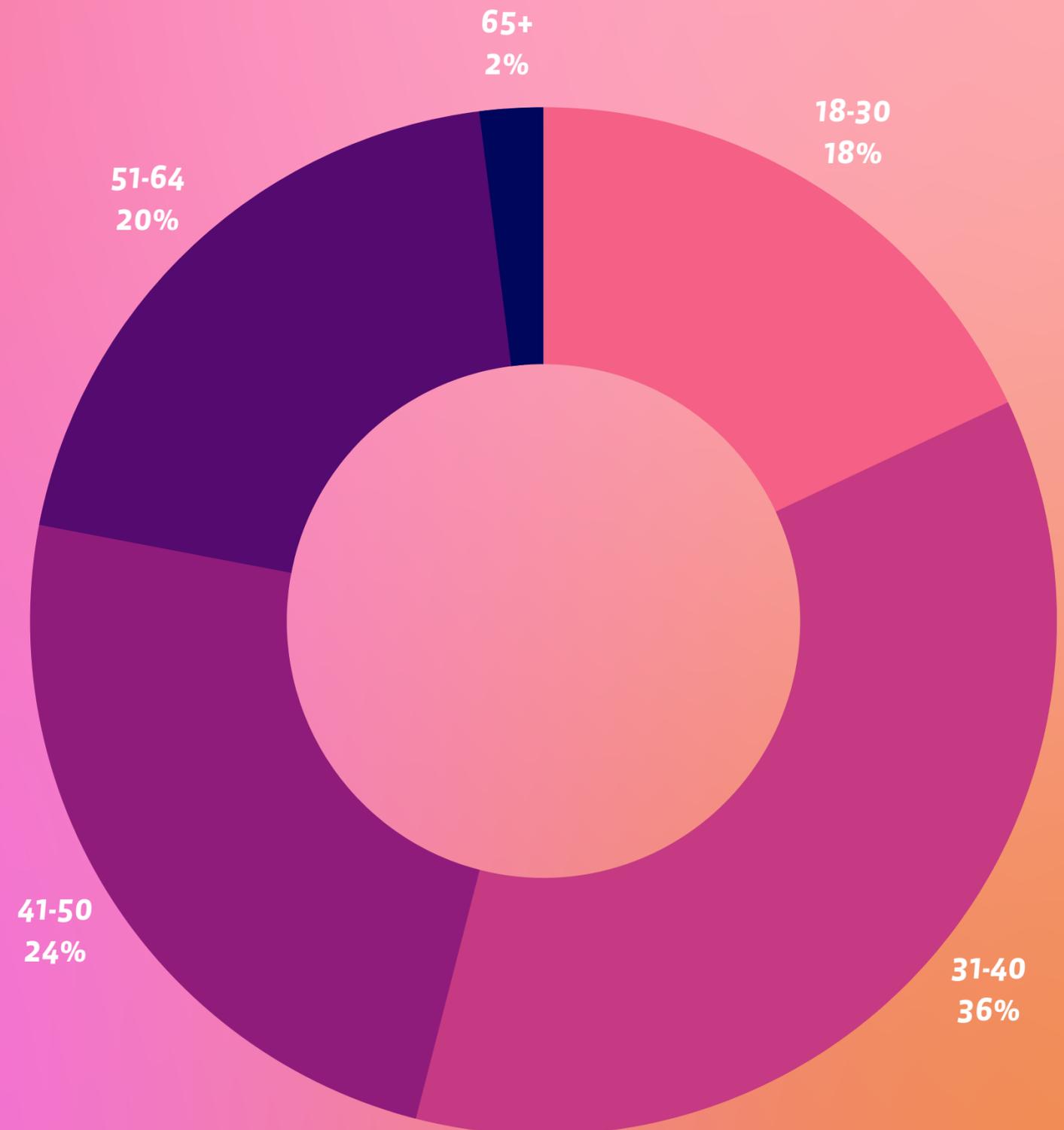
Cor/Raça



Seguindo as classificações do IBGE, a maioria delas se identifica como branca (67%), seguidas de pardas (18%) e pretas (13%). Tiveram também indígenas (1,5%) e amarelas (0,5%).

Faixa etária

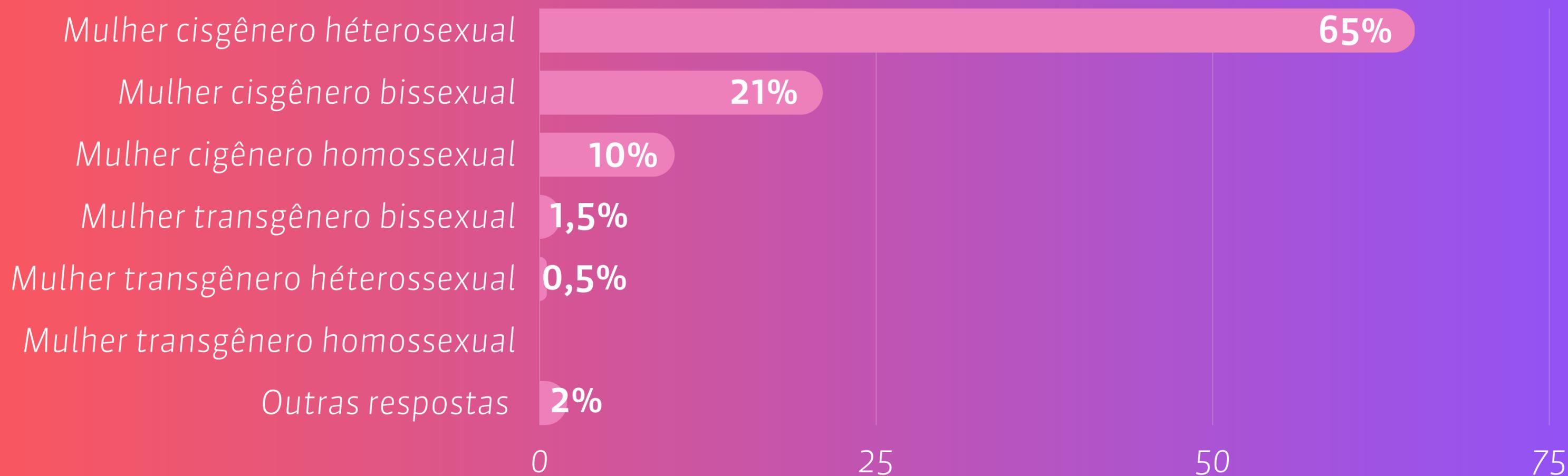
A maior parte das respondentes tinham entre 31 e 40 anos (36%), seguidas de um número também expressivo de mulheres na faixa entre 41 e 50 anos (24%). As idosas foram minoria, representando 2% apenas, e nenhuma menor de idade respondeu à pesquisa.



Sexualidade e gênero

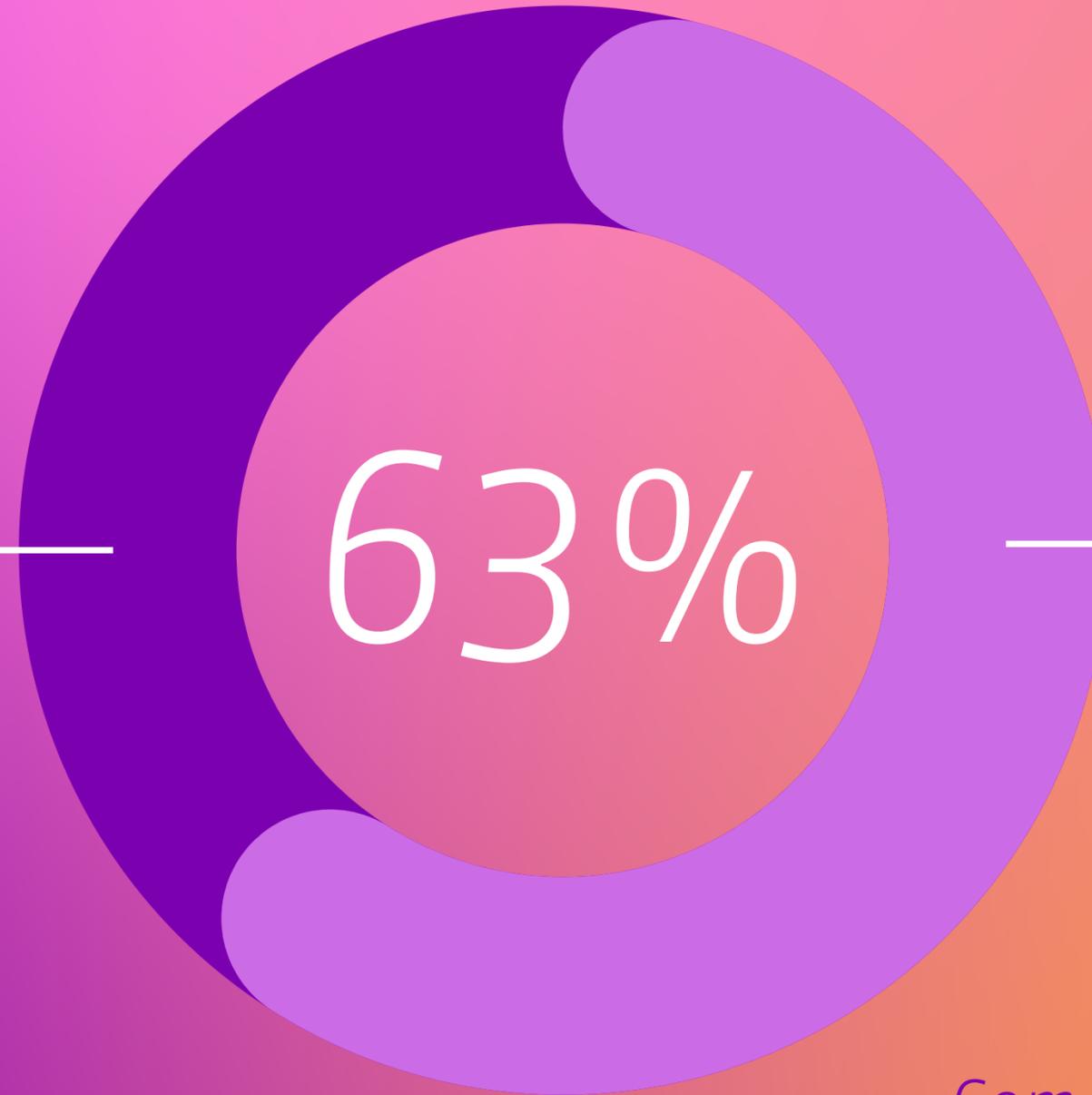
Quase a totalidade das respostas vieram de mulheres cisgênero, sendo a maioria delas heterossexuais (65%), seguidas de bissexuais (21%) e homossexuais (10%).

As mulheres transgênero representaram apenas 2% das respostas, sendo 1,5% delas bissexuais e 0,5% heterossexuais.



Filhos

Mulheres
que
possuem
filhos

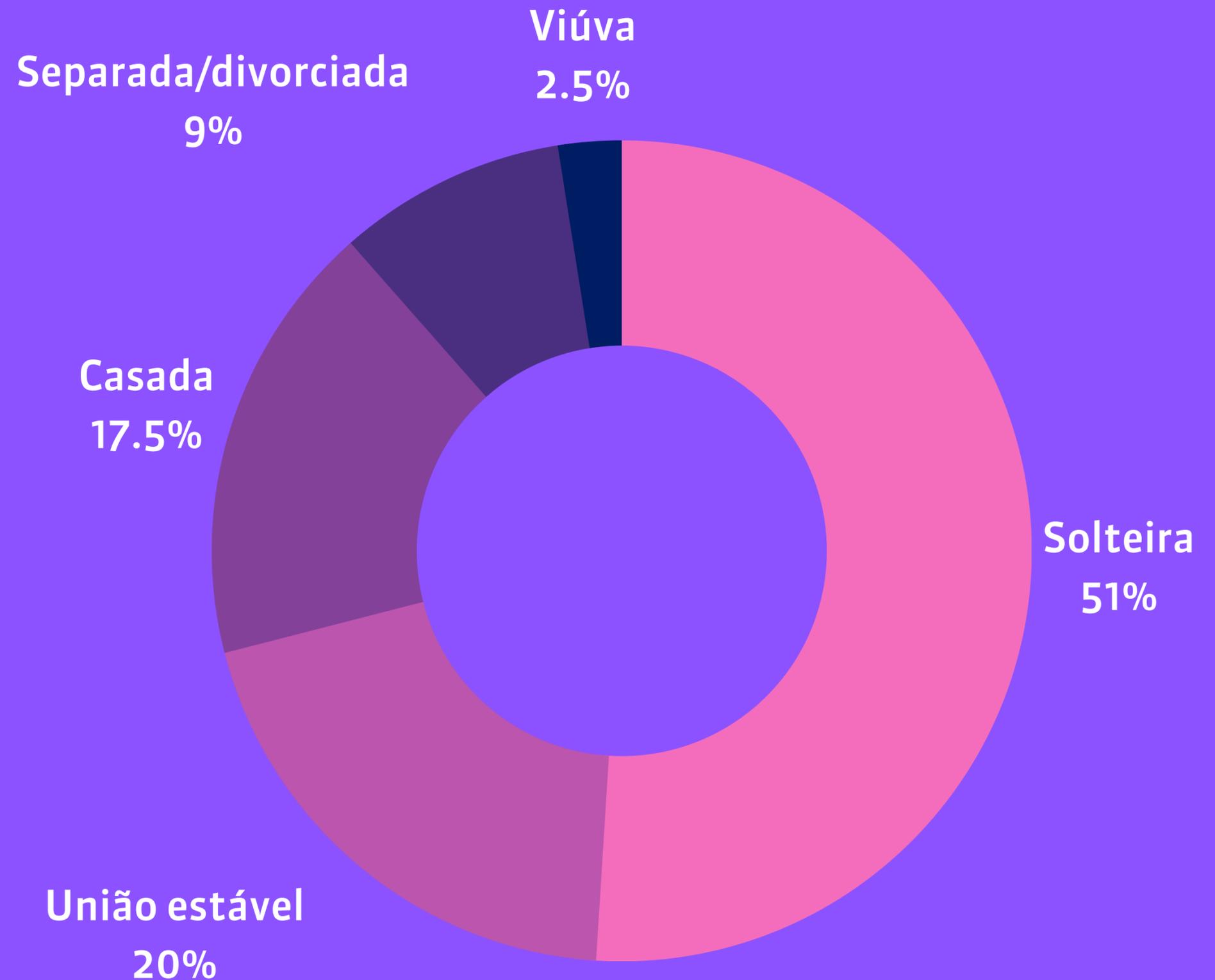


Mulheres que
não possuem
filhos

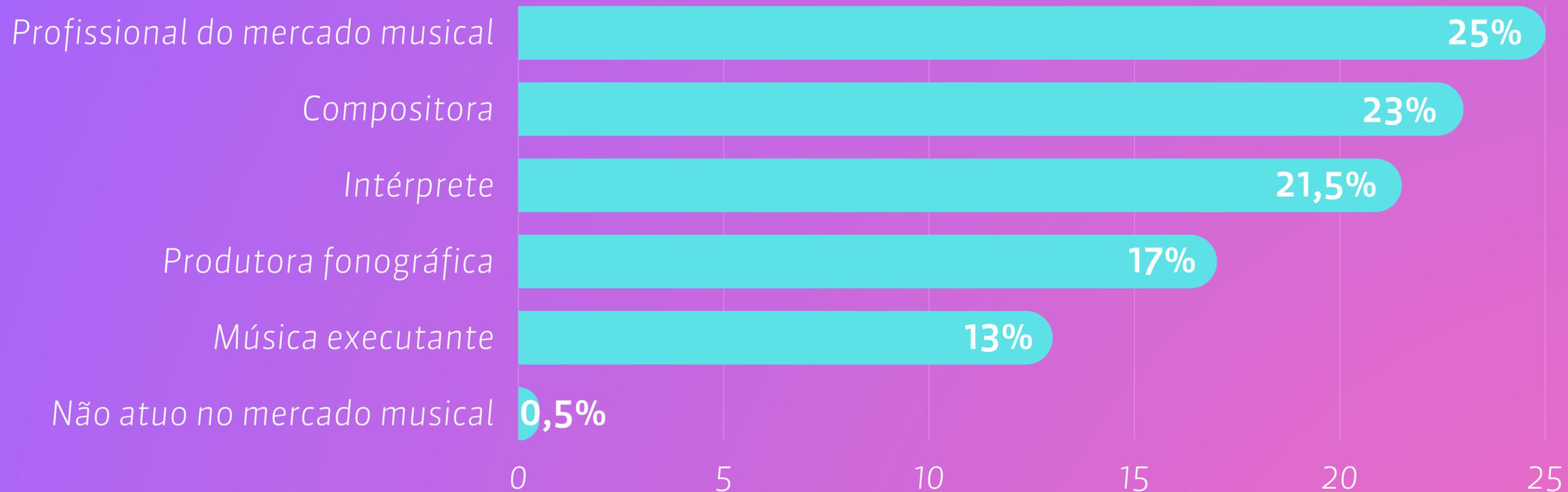
Com 63% das respostas, a maior parte das mulheres não tem filhos.

Estado civil

51% das respondentes se declararam solteiras. Seguidas delas, estão as mulheres casadas ou em união estável, que, juntas, somam 37,5%. As viúvas representam o menor percentual, com 2,5%.



Atuação no mercado musical



Na pergunta em específico, as respondentes poderiam selecionar mais de uma opção, uma vez que elas podem atuar de diversas maneiras.

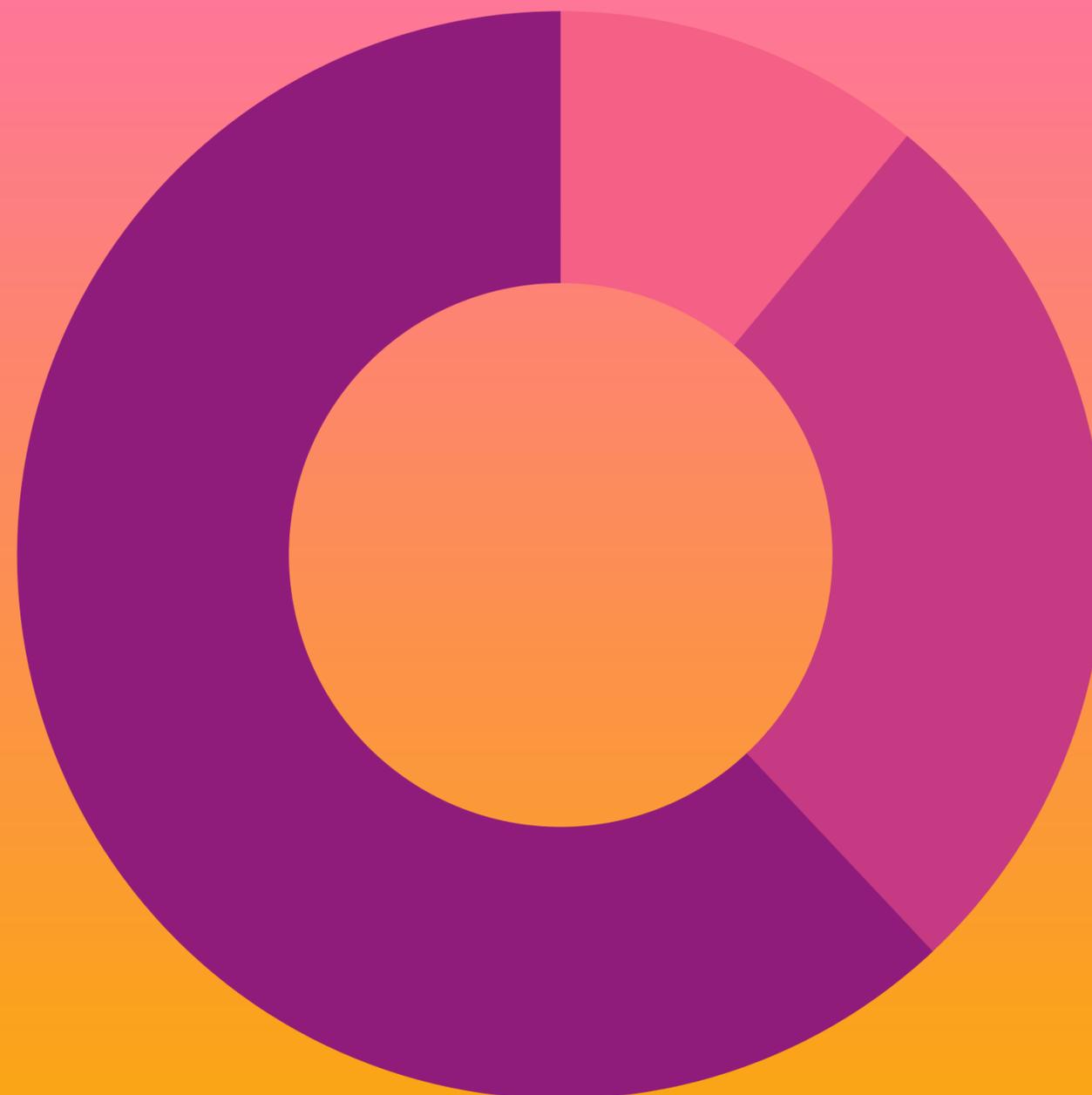
De todas as respostas, as mais selecionadas foram 'Profissional do mercado musical', com 25%; 'Compositora', com 23%; e 'Intérprete', com 21,5%.

Filiação em sociedade de gestão coletiva

Filiadas à UBC
62%

Filiadas à outra sociedade
11%

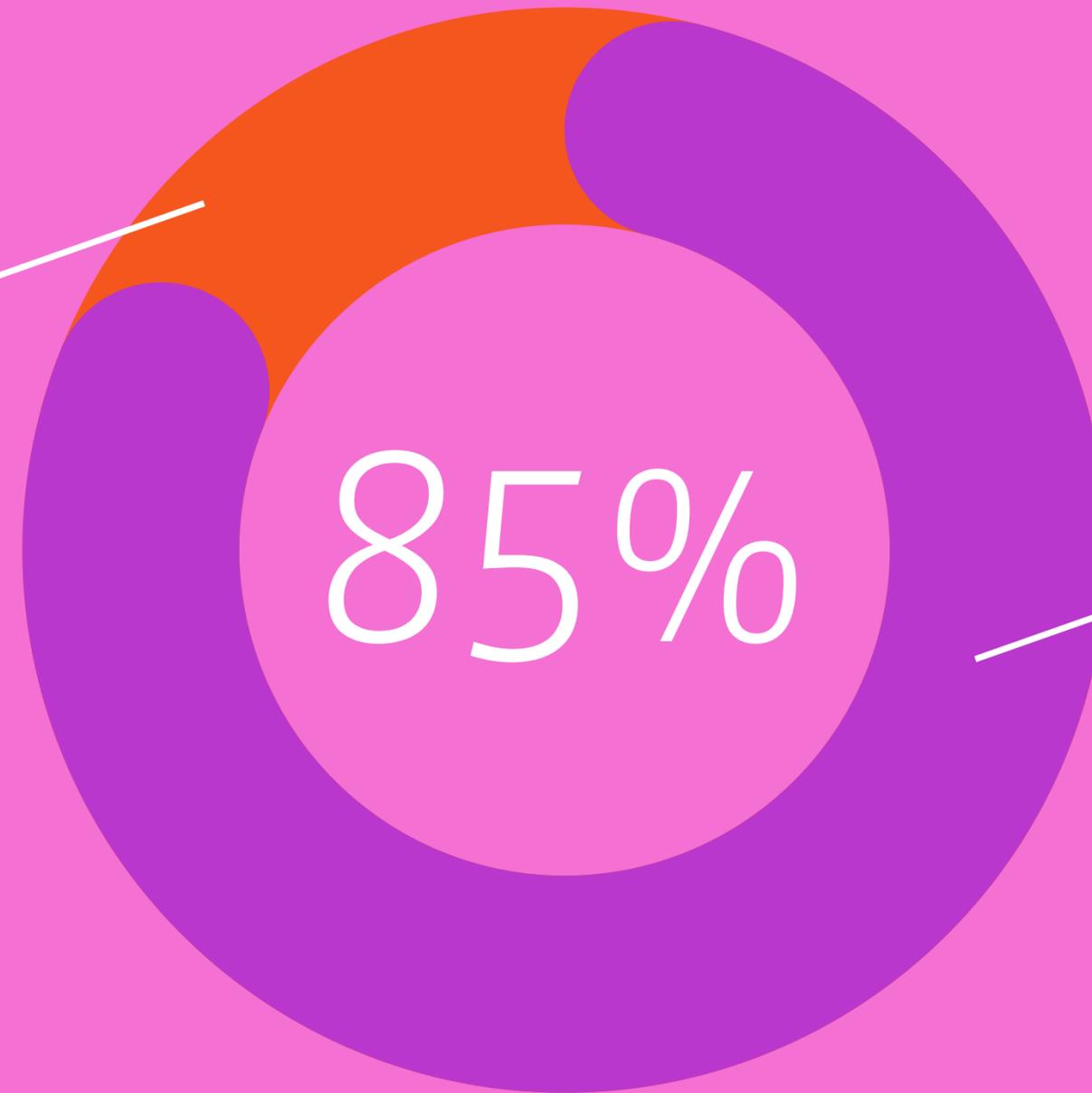
Sem filiação em alguma sociedade
27%



De todas as respondentes, 62% eram titulares da UBC.

Discriminação por ser mulher no meio musical

Mulheres que afirmaram não ter sofrido discriminação



Mulheres que afirmaram ter sofrido discriminação

85% das participantes contaram já terem sofrido discriminação no mercado musical.

Na pesquisa, cedemos espaço para elas compartilharem episódios misóginos que já vivenciaram.

Em seguida, selecionamos alguns relatos que foram autorizados para divulgação (anonimamente ou não):



Faço arranjos junto com parceiros homens, e já ocorreu de outras pessoas comentarem o nosso trabalho dirigindo-se apenas aos parceiros homens e me ignorando, como se eles fossem os únicos responsáveis pelo resultado do trabalho.

(Autora pediu para manter relato no anonimato)

“Toco com uma banda composta apenas por mulheres, e no último festival que eu toquei, fui totalmente desrespeitada pela equipe de som e palco, não nos permitiram nossa passagem de som conforme o combinado, nos trataram o tempo todo como se não soubéssemos o que estávamos fazendo, e no final de tudo, cortaram a minha última música, comigo ainda em cima do palco.

(Autora pediu para manter relato no anonimato)



Fui contratada para trabalhar de diretora técnica de um festival, criei o contrarider para atender os 4 shows do evento e, o técnico que atendeu pela empresa de som do festival começou a me testar e perguntar coisas técnicas específicas sobre microfones e cabos pra verificar se eu sabia do que eu estava falando.

Cristina Rangel Nascimento



Por ser mulher, mãe e casada, o meio musical te intitula como não disponível para ocupar determinadas funções, é descartada como se não houvesse possibilidade para conciliar o trabalho e a família, ou até mesmo limitando sua capacidade intelectual.

Catia Laura Caceres Marin

“ De tantas discriminações que já sofri a que mais me marcou e quase me fez desistir desse mercado foi quando em uma live de um renomado produtor musical, que inclusive já trabalhou com os Racionais, eu me ofereci pra uma vaga de estágio e ele respondeu prontamente que estava procurando um estagiário, e não uma namorada. É assim que somos vistas.

Fabiana Bellentani Cabral de Oliveira



Uma vez subi no palco para tocar (sou DJ) e, mesmo estando com meus aparatos em mãos, fui bruscamente puxada pelo braço pelo dono do club, pois ele achou que eu era uma frequentadora que estava invadindo a cabine para tietar o artista anterior a mim.

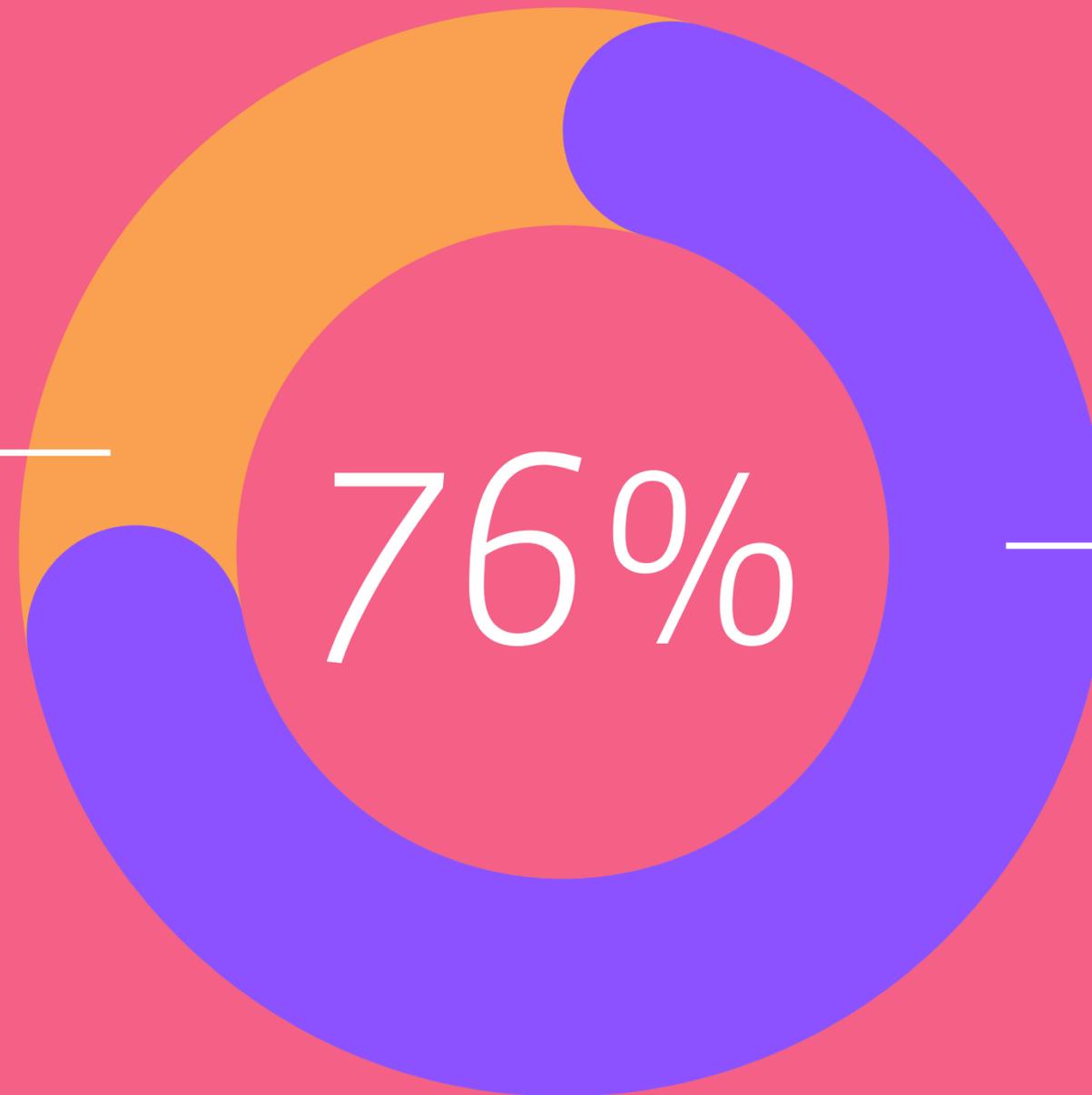
Rafaella De Vuono

Sou uma mulher negra e empresária, mas sou constantemente confundida com dançarina ou familiares dos artistas que represento.

Ana Paula Paulino

Assédio no meio musical

Mulheres que afirmaram não ter sofrido assédio



Mulheres que afirmaram ter sofrido assédio

76% das participantes contaram já terem sofrido algum tipo de assédio no mercado musical.

Na pesquisa, cedemos espaço para elas compartilharem episódios misóginos que já vivenciaram.

Em seguida, selecionamos alguns relatos que foram autorizados para divulgação (anonimamente ou não):

O cara me chamou pra cantar em um evento super importante e depois de eu ser confirmada ele começou a dar em cima de mim. Porém eu não dei bola e quando chegou o dia do evento ele tirou minha participação. Mc's que me chamaram para feat e quando perceberam que eu não iria ficar com eles desistiram.

Isabella Letícia Bom Soares

Já passei por todo tipo de assédio e situações desagradáveis. Aos 13 eu já trabalhava como cantora. E sofri um estupro, viajando a trabalho. Realmente já passei por muita coisa. Desde "brincadeiras" inconvenientes, tentativas de contato físico à força, até propostas do tipo "eu te ajudo você me ajuda" - tratando-se de favores sexuais em troca de patrocínio. Comecei a trabalhar com 9 anos de idade, e acreditem - homens adultos me assediavam mesmo eu sendo pequena, magrinha, e criança. Não foi fácil. Mas tô aqui, na luta, com a esperança de que as jovens cantoras de hoje e do futuro, sejam respeitadas, protegidas, e possam trilhar seus caminhos com liberdade e respeito acima de tudo.

Mel Maia (Melissa da Maia Koslouski)

Isso acontece quase que diariamente online. Já cheguei ao ponto de bloquear homens que acham que podem tudo. Pessoalmente em shows passados, já ouvi de donos de bares e casas de Show que o cachê seria maior caso usasse menos roupa ou se rolasse um after party particular. Por esse e outros motivos desisti de tocar ao vivo e acabei focando no trabalho online. Pelo menos bloquear o ser inconveniente dá um pouco de paz.

Fabiana Bellentani Cabral de Oliveira

Uma vez, um técnico de som de meu show solo, que eu mesma produzi, me passou uma cantada muito impositiva. Foi desagradável, porque ele agia como se fosse direito dele que eu o correspondesse. Mas eu me fiz de desentendida e segui em frente.

A responsabilidade de registrar todo o áudio do show na mídia digital era dele. Para minha surpresa, já passado o evento, quando fui escutar o material vi que estava todo estragado. Não havia hipótese de ser um erro. Percebi que foi proposital, uma pirraça, a “retaliação” por eu não ter o correspondido. Mas já não havia nada a fazer. Me custou caro.

Luciana (Lumyx) Araujo

Precisava de um estúdio para começar a gravar minhas composições e não tinha contato algum com alguém do meio artístico, um rapaz do Facebook viu o meu cover na internet e decidiu ceder o espaço de um estúdio sertanejo para gravar minhas composições. Ele me convidou um dia antes da minha ida a ir para uma festa e durante a conversa ele soltou sem querer que a intenção era ter relações sexuais comigo como forma de pagamento pelas horas que eu teria gravando as minhas músicas no estúdio...

Autora pediu para manter relato no anonimato

O mais marcante foi com um produtor relevante no mercado da música. Ele conheceu meu trabalho através do Youtube e começou a mandar mensagens eróticas. Como eu tinha 18 anos na época e sabia da importância dele para o mercado da música, não comuniquei a ninguém sobre isso, porque eu tinha medo. Aconteceu o episódio dele vir até a minha cidade para um evento e ele me convidou para encontrá-lo no hotel onde estava hospedado. Fui com o meu pai e durante algumas horas de conversa ele se mostrou sério e falando apenas sobre o profissional. No dia seguinte me mandou uma mensagem solicitando que eu fosse sozinha pois "eu tinha que estar à frente do meu trabalho". Avisei para os meus pais, que também ficaram pé atrás, e fui, pois eu queria saber qual era a dele. Cheguei no hotel, ele estava na parte da piscina onde tem mesas e cadeiras. Me sentei ao lado dele e ele começou a falar sobre coisas eróticas, desejos que ele tinha comigo e tudo mais. Achei tudo tão absurdo e me senti tão fraca que eu não tinha forças para levantar da cadeira. Eu tentava mudar de assunto, mas ele sempre voltava pro erotismo. Até que chegou um momento (depois de uma hora e meia) que consegui me levantar e sair com a justificativa de que eu ia ter um ensaio. Fui embora pensando se aquilo realmente havia acontecido. Mesmo assim, ele continuava me mandando mensagens. Pelo facebook, por torpedo durante uns 3 meses. Eu já não aguentava mais. Entretanto, depois de muito falar que eu não gostava daquele tipo de conversa, ele parou. Mas o pior de tudo é que eu não conseguia mais tirar as cenas e as falas da minha cabeça. E o medo dele (por conta da sua influência) queimar o meu nome por aí.

Autora pediu para manter relato no anonimato

A UBC – União Brasileira de Compositores – é uma associação sem fins lucrativos, dirigida por autores, que tem como objetivo principal a defesa e a promoção dos interesses dos titulares de direitos autorais de músicas e distribuição dos rendimentos gerados pela utilização das mesmas, bem como o desenvolvimento cultural. Fundada em 1942 por grandes nomes da música, a UBC atua até hoje com dinamismo, excelência em tecnologia da informação e transparência, representando no Brasil e no exterior mais de 50 mil associados. Sendo a mais antiga das sociedades do Brasil, rege, junto a outras sociedades congêneres, o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição – ECAD.

As informações mostradas neste levantamento foram obtidas através das respostas de 256 mulheres a um formulário digital, disponibilizado em nossas redes durante o período de 16 a 29 de março. Todos os depoimentos tiveram sua divulgação autorizada por suas autoras, de forma anônima ou não.

Coordenação: Mila Ventura

Design: Flavia Marcatti

**Dados/Texto: Pedro Henrique Guzzo
e Akemy Morimoto**